

**Gestos de espacialização urbana: a formulação de sentidos
acerca de *outdoors* de *strip-tease* em Teresina (PI)**

***Urban spatialization gestures: the formulation of meanings
about strip-tease billboards in Teresina (PI)***

Francisco Renato LIMA¹
Maria Helena de OLIVEIRA²
Vanessa Raquel Soares BORGES³

Resumo

Este estudo propõe, em um gesto de leitura, analisar a formulação da imagem e os efeitos de sentido do discurso sobre o sujeito “profissional do sexo”, também percebido como sujeito *streper* em *outdoors* expostos na cidade de Teresina (PI) em 2014. A abordagem teórico-metodológica subsidia-se na Análise de Discurso Materialista de Michel Pêcheux, a qual permite pensar a linguagem como opaca em seu funcionamento. Para tanto, foram selecionadas cinco imagens de *outdoors* para compor o arquivo. Destas, três foram analisadas com base na teoria apresentada e duas, usadas como reafirmação de sua retirada, mediante proibição judicial. A análise revela que a leitura nos *outdoors* não é só uma leitura que se faz do sujeito, mas, é antes, de um corpo ligado ao social, e assim, sua significação provocou efeitos de exclusão, segregação, não aceitação e violação da normalidade do corpo no espaço urbano.

Palavras-chave: Gestos de espacialização. Formulação de sentidos. *Outdoors*.

Abstract

This study proposes, in a reading gesture, to analyze the formulation of the image and the effects of the discourse's meaning on the “sex professional” subject, also perceived as a streper subject in billboards exposed in the city of Teresina (PI) in 2014. Theoretical-methodological approach is based on Michel Pêcheux's Materialist Discourse Analysis, which allows language to be thought as opaque in its functioning. For that, five images of billboards were selected to compose the file. Of these, three were analyzed based on the theory presented and two, used as a reaffirmation of their withdrawal, through judicial prohibition. The analysis reveals that reading on billboards

¹ Mestre em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI). Professor Substituto da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). E-mail: fcorenatolima@hotmail.com

² Mestre em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI). Professora de Língua Portuguesa na Secretaria Estadual de Educação e Cultura (SEDUC-PI). E-mail: revisora_helena@hotmail.com

³ Doutoranda em Letras – Estudos da Linguagem (UFPI). Professora Assistente da Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: vanessaraquel@frn.uespi.br

is not just a reading that is made of the subject, but, rather, of a body connected to the social, and thus, its significance caused effects of exclusion, segregation, non-acceptance and violation of the normality of the body in the urban space.

Keywords: Spatialization gestures. Formulation of meanings. Billboards.

Introdução

Formulações equívocas são percebidas num espaço entre o público e o privado. Delas emergem efeitos discursivos numa espécie de ponto de encontro, de contradição entre o linguístico e o ideológico. É nesse entremeio que, neste estudo, trata-se de gestos de espacialização urbana em uma análise que visa interpretar os efeitos de sentido de *outdoors* sobre *strip-tease* em Teresina (PI), buscando perceber como se dá a formulação e a circulação de imagens do sujeito “profissional do sexo”, à luz da Análise de Discurso (AD) Materialista de Michel Pêcheux.

Em grande parte, a circulação do discurso, ou mesmo, sobre o sexo, enquanto forma de trabalho é motivada pela sociedade capitalista organizada em torno do consumo de bens e serviços os quais incluem, neste caso, a venda e oferta do corpo ‘oferecido’ e ostentado em *outdoors* pelas ruas da cidade. Tal formulação acaba construindo uma espécie de associação corpo-cidade, uma vez que instaura um novo cenário para o local e a vida social dos cidadãos, despertando nesses, discursos – construídos a partir de suas memórias discursivas –, de aceitação ou rejeição.

A materialidade simbólica que compõe o arquivo selecionado não se encontra em um espaço integrador, frente ao discurso formulado. Imagens, dizeres e ambiente citadino se desenvolvem por meio de contradições. Dessa maneira, o discurso sobre o sujeito “profissional do sexo”, ao mesmo tempo em que cai no esquecimento por enunciar o novo, recai sobre o campo da repetibilidade, por ser atravessado pela história e pela memória do dizer. O dito, portanto, atualiza o velho tornando-se novo no campo discursivo. Contudo, nesse equívoco há uma tentativa de administração dos sentidos *já-lá*, dos sentidos que regem o discurso sobre a normatividade do espaço urbano.

A memória aqui tratada, está ancorada na materialidade discursiva complexa em uma espécie de dialética entre repetição e regularização. É o que, segundo Pêcheux (1999), diante de um texto, seja ele material verbal e/ou imagético, reestabeleceria seus “implícitos” enquanto pré-construídos e discursos-transversos.

Do ponto de vista discursivo, o implícito trabalha então sobre a base de um imaginário que o representa como memorizado, enquanto cada discurso, ao pressupô-lo, vai fazer apelo a sua (re)construção, sob a restrição “no vazio” de que eles respeitem as formas que permitam sua inserção por paráfrase. Mas jamais podemos provar ou supor que esse implícito (re)construído tenha existido em algum lugar como discurso autônomo. (ACHARD, 1999, p. 13)

A (re)construção do “implícito” se dá em uma dada sequência discursiva, efeito de uma série, uma repetição (RIBEIRO, 2016). Mas, diante do efeito “atualidade”, na presentificação dos fatos no evento ‘prostituição’ em casas de shows em Teresina (PI), tal regularização “é sempre suscetível de ruir sob o peso do acontecimento discursivo novo, que vem perturbar a memória” (PÊCHEUX, 1999, p. 52).

Nesse entremeio, acontecimento e memória se entrecruzam num jogo de forças. De um lado o discurso toca a regularização preexistente por meio do que veicula nos outdoors; por outro lado, visa a desregulação, alterando, assim, essa rede de “implícitos” (PÊCHEUX, 1999).

Para o movimento de análises, algumas informações adquiridas durante a seleção do arquivo merecem ser ressaltadas a fim de situar melhor a questão:

- Os *outdoors* ficaram expostos nos espaços de circulação urbana da cidade de Teresina (PI), da zona norte a sul entre os meses de agosto e setembro do ano de 2014, quando foi decretada a sua retirada. O fato chamou a atenção de autoridades, representantes do poder público, que se manifestaram contra a situação alegando ser um atentado ao pudor, a moral e a formação da juventude que cruzava com as imagens diariamente no trânsito teresinense. As autoridades⁴ apresentaram à Câmara Municipal um projeto com a finalidade de remover os anúncios, alegando que esse tipo de propaganda crescia de forma assustadora, estimulando à exposição dos jovens, interferindo em sua formação sexual e que, pelo seu caráter apelativo, contribuía para o aumento da violência sexual, segundo dados do site meionorte.com (2014).

- No dia 19 de setembro de 2014, “a 44ª Promotoria de Justiça solicitou que a Prefeitura de Teresina retirasse da cidade *outdoors* com o conteúdo considerado impróprio. O argumento da Promotoria de Justiça destacava que as imagens poderiam

⁴ Esses argumentos foram apresentados pelas vereadoras Teresa Brito (PV) e Selene Fernandes (SDD), conforme dados do site meionorte.com, publicado em: 06 de maio de 2014.

caracterizar ato obsceno, crime previsto no Artigo 233 do Código Penal e, ainda, de acordo com o Artigo 106, inciso I da Lei Complementar 3610 de 11 de janeiro de 2007, é vedado expor propaganda referente a material pornográfico”, assim destaca o Portal de notícias online 180graus (2014).

- Diante da insatisfação manifestada pelas autoridades, no dia 15 de outubro de 2014, a Câmara aprovou “o projeto de lei nº 83/2014 que proíbe a veiculação de anúncios ou outras formas de propaganda de serviços de acompanhantes, garotos ou garotas de programas, exibição de imagens de nudez e de apelo de erotismo”, como também destacou o Portal de notícias online 180graus (2014).

- A ordem foi acatada e entre os dias 19 e 29 de setembro de 2014 (precisamente no dia 20, um dia após a expedição judicial) a prefeitura mandou retirar as imagens de todas as partes da cidade. Porém, há de se ressaltar que a represália não garantiu que o fenômeno não voltasse a ocorrer, haja vista, que no dia 01 de dezembro do mesmo ano estavam novamente expostos os mesmos tipos de imagens em *outdoors* na zona sul de Teresina (Figuras 4 e 5), fato que logo foi noticiado pela imprensa (veja-se a presença de repórteres e fotógrafos registrando o fato, conforme se percebe também nas Figuras 4 e 5); e o dia seguinte (dia 02), as imagens já tinham sido retiradas.

Portanto, a partir disso, objetiva-se analisar os efeitos de sentidos nas propagandas de *outdoors* sobre *strip-tease* em Teresina (PI), percebendo como se dá a formulação e circulação de imagens do sujeito “profissional do sexo”, sob a abordagem teórica da Análise de Discurso Materialista, na perspectiva de Michel Pêcheux.

Das condições de produção do *outdoor* no espaço urbano: o dito, o silêncio, o entremeio

O espaço urbano, enquanto lugar de discurso é constituído de memórias, sendo, portanto, parte do discurso sobre ele mesmo. Nessa conjuntura, a presença da mídia por meio de *outdoors* traz à tona “o poder da coisa dita ou escrita [que] parece, por vezes, se identificar com o puro efeito de um eco anônimo desenvolvido pelas bordas” (PÊCHEUX, 2016, p. 28). O autor, então, define esse eco da mídia como anônimo, visto que há nele um deslocamento/apagamento do sujeito que enuncia, tendo ele uma ou várias vozes que circulam na sociedade contemporânea.

A circulação da imagem do sujeito *striper* materializado em *outdoors*, recai sob tal questão discutida por Pêcheux (2016, p. 28), visto que,

[...] como adquirimos o hábito de dizer, [fazemos] [...] dessa circulação a imagem positiva de nossa modernidade discursiva liberada ou, ao contrário, a falsa moeda de línguas de vento; os turbilhões esfumados do ‘não importa o quê’ destinados a chamar a atenção, desviando-a ‘dos problemas reais’.

Como contexto imediato, entende-se o ambiente citadino onde os *outdoors* são expostos em vias urbanas. Nesse caso, a memória funciona como parte dessa produção do discurso, uma vez que “toda formação histórica diz tudo o que pode dizer, e vê tudo o que pode ver” (DELEUZE, 1996, p. 121).

Mas será mesmo que tudo o que é visto se é percebido discursivamente? “Como ver de fora aquilo no interior do qual o olhar é tomado?” (PÊCHEUX, 2016, p. 24). É nesse espaço que o contexto amplo considera os efeitos de sentidos evocados nessa publicação. Eles se entrecruzam com a memória, tratada aqui como interdiscurso, o qual pode ser entendido como “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2015, p. 31). Nele, “fala uma voz sem nome” (COURTINE, 1984 *apud* ORLANDI, 2015, p. 32).

Ou seja, ao expor um convite ‘publicamente proibido’ a toda a cidade (para adultos, idosos, crianças), com imagens e dizeres que levam a um encontro com *stripers* em casas noturnas, o que o *outdoor* realiza é uma interdição da normatividade, encaminhando o sujeito leitor a uma possibilidade do dizer para além do ‘permitido’ (MOTTA, 2011), mesmo em uma sociedade moderna. Há, portanto, uma tentativa de administrar os sentidos já-lá, já-construídos, porém vetados de publicação a céu aberto.

Contudo, se “o dizer não é livre, nem individual, ao contrário, ele é determinado por coerções históricas, sociais e culturais de diferentes ordens” (CURCINO, 2011, p. 183), o *outdoor*, enquanto materialidade simbólica, discursiviza a partir de uma conjuntura sócio-histórica e ideológica, resultante das conquistas de instituições sociais modernas, dentre elas, os Centros Noturnos de Lazer, também conhecidos como Casas de *Stripers*, que tomados pelo movimento de liberdade de expressão⁵ (garantida pela

⁵ Enquanto o inciso IV é mais amplo e trata da livre manifestação do pensamento, o inciso IX foca na liberdade de expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação. “IX – É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença” (BRASIL, 1988).

Constituição de 1988, principalmente nos incisos IV e IX do artigo 5º) inscrevem-se nessa luta de direitos, o de ser visto, em uma publicação pela própria mídia.

Nesse caso, o olhar também não é livre. O leitor, ao olhar a imagem do sujeito “profissional do sexo” e o que é dito nos *outdoors* por meio do material verbal, é atravessado pela historicidade que o compõe. Assim, assujeitado aos discursos, aos saberes e dizeres que lhe são decorrentes, passa a atuar não apenas no que diz ou em como diz, mas no que vê e em como vê, o que define, dessa forma, os contornos do visível (CURCINO, 2011).

Por essa perspectiva, compreende-se que a memória que se tem pré-construída do sujeito “profissional do sexo” ajuda na circulação de uma avaliação que toca a depreciação, ao mesmo tempo em que reedita o já-lá, a partir de sua exposição. A forma como o ‘olhar leitor’ se processa depende desse dispositivo de controle, o qual funciona como uma espécie de saber sobre e poder sobre o que é divulgado.

Do espaço da cidade na constituição do sujeito

Pensar na imagem do sujeito “profissional do sexo” como parte do contexto da cidade, materializado em *outdoors*, é um gesto de contestação da normatividade urbana. Isso porque “a territorialização do espaço da cidade tem um sentido frente à regularidade jurídica, pois a lei administra, pelo simbólico, as relações sociais, os sentidos permitidos e proibidos” (MOTTA, 2011, p. 11). Por esse viés discursivo, analisa-se como os sentidos formulados pelas imagens nos *outdoors* ultrapassam o ‘permitido’ e recaem no ‘proibido’, numa espécie de tensão entre o jurídico e o social.

Conforme Motta (2011, p. 12-13), “há uma representação política que liga o Estado, a cidade, o sujeito”. E, uma vez sendo a cidade um espaço marcado por gestos de interpretação, o sujeito leitor é quase induzido a provocar os sentidos de exclusão, de segregação desse sujeito “profissional do sexo” no corpo urbano.

Assim, os *lapsos e deslizos* aparecem discursivizados em imagens e também dizeres nos/dos *outdoors* que desafiam a normatização do espaço citadino. Desse modo, pode-se imprimir que essa composição do ambiente da cidade sofreu uma mudança em seu estatuto provocada pelo sujeito *já-lá*, ou seja, o sujeito já existente na memória sociodiscursiva dos cidadãos da cidade, que uma vez tendo sua imagem

circularizando em painéis visuais, são ressignificados, devido às suas *condições de produção*. Tal publicação, na perspectiva da AD, buscaria uma espécie de afirmação do

[...] lugar do simbólico nas relações políticas, [o que] significa trabalhar a significação da história [do sujeito profissional do sexo e sua aceitação no contexto urbano-social] na textura do discurso [materializado no outdoor] que pelo efeito da transparência (ideológica), naturaliza os sentidos. (MOTTA, 2011, p. 13)

Contudo, o texto é “como um bólido de sentidos. Ele ‘parte’ em inúmeras direções, em múltiplos planos significantes” (ORLANDI, 2012a, p. 14) e seu funcionamento acontece por meio do discurso (essencialmente social). É nele [discurso] “que melhor se compreende a relação entre linguagem, pensamento/mundo, porque o discurso é uma das instâncias materiais (concretas) dessa relação” (p. 12).

Assim, o texto, aberto, “engenhoso”, “constitui recortado por diferentes formações discursivas que remetem à materialidade simbólica do texto à exterioridade, à memória que o atravessa” (MOTTA, 2011, p. 15). Tal memória exterritorializada do ambiente citadino em que se encontra o atravessa com julgamento, exclusão, visto que o texto divulgado no espaço urbano para ser visto e lido, provoca um estranhamento, visto que foge da ‘normativização’ daquele espaço, já que “há uma normatividade de sentidos atribuídos à materialidade que tem a ver com a exterioridade” (MOTTA, 2011, p. 15).

Nesse caso, pois, não se trata somente do discurso sobre [o sujeito *stripper*], mas do discurso para um encontro com [o sujeito *stripper*]. É nesse entremeio do ‘permitido’ e do ‘proibido’, o lugar de onde emanam os efeitos de sentidos sobre o sujeito em *outdoors* de *stripe-tease*. Portanto, o sujeito é materializado, discursivizado numa espécie de corpo-cidade, tornando-se um cartão postal desse espaço urbano.

Segundo Orlandi (2011, p. 82), ao passo que “não podemos estudar (-) [a linguagem] fora da sociedade, uma vez que os processos constitutivos da linguagem são histórico-sociais” [...] “resta observar que, nessa relação não consideramos nem a sociedade como dada, nem a linguagem como produto: elas se constituem mutuamente”. Assim, compreende-se que sujeito e ambiente se significam. Desse modo, “a cidade (...) [não somente se significa pela diferença, mas também] produz a diferença, é espaço de conflito, de tensão, de segregação” (MOTTA, 2011, p. 23).

Nesse meandro, o discurso sobre o sujeito *stripper*, em meio à sua formulação imagética e ao material verbal, “é menos transmissão de informação do que efeito de

sentidos entre locutores [...] [é] considerado como ação social, ou seja, como parte do funcionamento social geral” (ORLANDI, 2011, p. 83). Podemos dizer assim que a instância verbal produzida se constitui por meio de deslizamentos, “como lugar de conflito, de confronto ideológico” (ORLANDI, 2011, p. 83). Há, portanto, uma quebra de expectativas no fluxo discursivo sobre as “profissionais do sexo” com a exposição desses *outdoors* no espaço urbano, que (pode) ressoar não como ocupação, mas como “invasão de privacidade” do sujeito leitor no ambiente público.

Essas menções sobre o sujeito que convida, a partir de sua exposição imagética no *outdoor*, e o sujeito-leitor, aquele que é convidado a participar dos shows realizados em casas noturnas em Teresina (PI), movimentam análises sobre o ser sujeito, de acordo com essa conjuntura teórico-metodológica da AD materialista, com base em Michel Pêcheux. Assim sendo, a imagem discursivizada em forma de convite nos *outdoors* conduz à compreensão de que o:

Sujeito é o que representa um significante para outro significante; pode ser aproximado de um “já era”, e essa operação produz um resto. O sujeito é barrado porque é determinado pelo significante. Essa determinação, essa barra, é que nos faz falantes, faltantes, portanto, desejantes, já que o desejo é a metáfora da falta. E o modo como o sujeito está determinado face ao significante podemos chamar de discurso. (VERANO, 2007, p. 186)

Contudo, as imagens desse sujeito (funcionam como uma espécie de *imagens do invisível*⁶, visto que se trata de um sujeito com direitos invisibilizados pela própria sociedade) não têm uma circulação discursiva aleatória. Os *outdoors* funcionam como “uma voz sem sujeito” “com esse efeito de apagamento da voz que enuncia” (ZOPPI-FONTANA, 2011, p. 167). Assim, o funcionamento dos sentidos evocados com sua exposição reside na contradição de estar ali (no *já-lá*), no equívoco, no discurso que produz efeito na história. Tal funcionamento opera em três momentos: a constituição, sua formulação e circulação. Pela constituição indaga-se: o que a memória diz sobre? Através da formulação questiona-se: de que modo esse sujeito é representado no *outdoor*? Pela circulação reflete-se: quais efeitos de sentidos sua exposição provoca, e por quê? Esse é o modo como se compreende o movimento de análise sobre a materialidade do discurso acerca do sujeito *striper* e todas suas formas simbólicas.

⁶ Referência à transcrição oral de Mônica Zoppi-Fontana apresentada na mesa-redonda “Os sentidos do olhar nas sociedades democráticas contemporâneas”, cujo título foi “As imagens do invisível”.

Assim, os sentidos *já-lá* são constituídos nesse processo, já que “aquilo que irrompe no espaço da repetição discursiva é efeito de uma materialidade específica, sobre e com a qual não se pode dizer qualquer coisa” (PÊCHEUX, 1981 *apud* ZOPPI-FONTANA, 2011, p. 167), ou seja, “as imagens devem ser sempre interpretadas no entremeio da memória e das condições de produção” (p. 167).

Isso porque a formulação, bem como, a circulação do sentido não está apenas no que é dito, mas também, no silêncio do dizer. Tal silêncio discursiviza através da produção imagética constituída sobre o sujeito profissional do sexo.

Dos efeitos de sentidos na relação entre sujeito, história e memória

Pretende-se, por um gesto de leitura, interpretar como a exposição de corpos nus e discursos panfletários em *outdoors* espalhados na cidade de Teresina (PI) provocaram efeitos que reclamaram por sentidos de mudança social. Com a exposição panfletária de discursos de cunho sexual a céu aberto, a associação corpo-cidade torna-se quase que imediata, sendo esse um convite para o presente movimento de análise.

E foi assim que “os sentidos tomaram corpo” (ORLANDI, 2012b, p. 09) e o corpo tomava sentidos. Isso porque “por ser um ser simbólico, o homem constituindo-se em sujeito pela e na linguagem [...] se inscreve na história para significar, [assim, tem] seu corpo atado no corpo dos sentidos” (p. 09). Dessa forma, “sujeito e sentido têm sua corporalidade articulada no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história [...], confronto do simbólico com o político” (ORLANDI, 2012b, p. 09).

Tendo em vista que tanto a linguagem quanto o corpo do sujeito são opacos, ou seja, não há transparência de significação, a discursividade a que se apresenta nesses *outdoors* é atravessada pela memória e pela história, que contribuem para a formulação. São memórias que têm formas e funcionam ideologicamente (ORLANDI, 2012b).

Assim, a leitura feita sobre o convite a participar de shows realizados em casas noturnas de Teresina (PI), em 2014, pelos *outdoors*, é uma leitura não só do corpo do sujeito, mas é antes a leitura de “um corpo ligado ao corpo social” (ORLANDI, 2012b, p. 10). Tal processo de significação desse corpo como um ‘corpo social’ provocou efeitos de exclusão, de segregação, de não aceitação, de violação da normalidade do corpo da cidade (MOTTA, 2011), do espaço urbano, já que o discurso de cunho sexual adentrava no ambiente citadino para todas as classes sociais, todas as faixas etárias.

Assim, visto que formulação é atualização, memória textualizada (ORLANDI, 2012b), o corpo formulado, então, é como parte material do sujeito. Dessa forma, buscando a interpretar a formulação de sentidos acerca dos *outdoors* de *stripers* na cidade de Teresina (PI), foi preciso enveredar pelo recorte, reaproximação, deslocamento e extração, o que Pêcheux (2016, p. 25) chama de “leitura-trituração”.

A figura 1 apresenta como material verbal as expressões que induzem a uma leitura de movimento; a uma leitura de encontro; sugere ao sujeito leitor que se trata de uma “única apresentação” que será “imperdível” e que, portanto, ele não pode faltar. Trata-se de um discurso panfletário, pois vende um ‘produto’ a céu aberto, expondo, inclusive, a data “09 de agosto” que a atração “Mulher melancia” estará presente e o local, “na Beth Cuscuz”. No *outdoor*, o convite às apresentações toma contornos sexuais quando da exibição de corpos *seminus* em posições provocativas, que associadas aos textos expressos constituem o discurso, o qual disputa por sentidos sobre a prostituição como uma prática de condução dentro da legalidade.

A formulação discursiva do/no *outdoor*, portanto, evoca efeitos de ‘rejeição’ no meio urbano, por tratar-se de uma prática velada, a prostituição, um crime encoberto que uma vez exposto em forma de atração, de show em uma casa noturna, transgride a normatividade da cidade.

O sujeito “profissional do sexo” encontra-se exposto por meio de *outdoors*, “a universos simbólicos divididos e a materialidades linguísticas díspares” (PAYER, 2012, p. 92), tendo, portanto, o difícil papel de se ‘integrar’, visto que tal ‘integração’ remete à associação corpo-cidade. Desse modo, a formulação do discurso encontra resistência na superexposição, devido à constituição da imagem já-lá que se tem do sujeito tratado.

Isso porque a memória discursiva⁷, o interdiscurso, provoca no sujeito leitor a absorção ou anulação do acontecimento, o que significa dizer que pode haver uma tentativa de anulação de sua significação no ambiente citadino. Porém, a (permanência da) superexposição caminha para o deslocamento de sentidos na história, o que explica o pedido de sua retirada imediata pela 44ª Promotoria de Justiça, sob a alegação de que as imagens podem caracterizar ato obsceno, crime previsto no Artigo 233 do Código Penal. Além disso, está previsto no Artigo 106, inciso I da Lei Complementar 3610 de

⁷ “Conjunto de enunciados mais ou menos homogêneos [que] funciona como uma condensação discursiva, sustentando certos saberes na sociedade, que ora se articulam, ora se opõem ou se contradizem, se entrecruzam ou se sobrepõem”. (PAYER, 2012, p. 92-93).

11 de janeiro de 2007, que é vedada a exposição de propaganda referente a material pornográfico.

Figura 1: *Outdoor* exposto em espaço urbano de Teresina (PI)



Fonte: < <http://www.meionorte.com/uploads/imagens/2014/5/6/thumb/thumb-r-940x-0x0NOT-vereadoras-querem-a-retirada-de-outdoors-de-ruas-e-avenidas-de-teresina1399397470.jpg> >. Acesso em: 29 set. 2014.

Na figura 2, o discurso da prostituição aparece em forma de convite a uma “noite oriental”. O material verbal apresenta, assim como na figura 1, a data “20 de março”, o local onde a atração acontecerá “na casa de shows e eventos Beth Cuscuz”, a anfitriã “Cláudia Pires” e o nome da atração “Andressa Urach”. Ademais, as imagens selecionadas para exposição trazem duas mulheres: uma em tamanho reduzido, que está completamente sem vestes, e outra em tamanho maior, aquela enunciada como atração principal. Contudo, nota-se que houve um corte da imagem maior, de modo que apenas parte do seu corpo, o busto, estivesse à mostra no *outdoor*.

A formulação vista de imagens e dizeres sobre o evento a ser realizado na casa de shows por meio do convite a “uma noite oriental” conduz o leitor à memória do dizer, ou seja, o interdiscurso, o qual “disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2001, p. 31). Nela não há transparência no/do dizer, mas toda a composição discursiva presente na formulação da figura 2 remete ao evento ‘prostituição’. É como se houvesse uma tentativa de apagamento da imagem já-lá para sua reedição no campo da (ir)repetibilidade.

Segundo Courtine (1981, p. 52), “toda formulação possui em seu ‘domínio associado’ outras formulações, que ela repete, refuta, transforma, denega [...], quer dizer, mediante as quais ela produz efeitos”. Trata-se de outra versão instaurada no processo histórico de identificação do sujeito “profissional do sexo” que disputa interpretações outras para os acontecimentos presentes ou que ainda acontecerão. O *outdoor* cede, assim, um lugar de fala ao sujeito “profissional do sexo”, lugar esse descoberto na sociedade brasileira.

Figura 2: *Outdoor* exposto em espaço urbano de Teresina (PI)



Fonte: < <http://otvfoco.com.br/audiencia/wp-content/uploads/2014/03/andressa-urach.jpg> >.
Acesso em: 29 set. 2014.

Na figura 3, há uma relação interdiscursiva do texto publicado verbalmente com a sua significação, com os efeitos de sentido que dele emanam. Pêcheux (2014, p. 145-146) conceitua interdiscurso e intradiscurso ao afirmar que

A condição essencial da produção e interpretação de uma sequência não é passível de inscrição na esfera individual do sujeito psicológico: ela reside de fato na existência de um corpo sócio-histórico de traços discursivos que constitui o espaço de memória da sequência. O termo *interdiscurso* caracteriza esse corpo de traços como materialidade discursiva, exterior e anterior de uma sequência dada [intradiscurso], na medida em que esta materialidade intervém para constituir tal sequência. (Grifo do autor)

Desse modo, o material verbal da figura 3 expressa a presença de “modelos internacionais” na casa de shows “Copacabana”, “de segunda à sábado, a partir das 20h”.

Figura 3: *Outdoor* exposto em espaço urbano de Teresina (PI)



Fonte: < <http://180graus.com/res/imagens/portal/2014/04/25/copacabana-1.jpg> >.
Acesso em: 29 set. 2014.

O fenômeno da interdiscursividade ocorre pelo uso da expressão “modelos internacionais”, tendo em vista que o sujeito “profissional do sexo”, assim como “modelos”, trabalha com a divulgação de produtos e serviços, a partir da exposição destes em seus corpos. Dessa forma, uma vez que faz um discurso sobre o sucesso publicitário devido, em partes, à associação de produtos à imagem de “modelos internacionais”, o *outdoor*, numa tentativa de administrar os sentidos acerca do evento ‘prostituição’, discursiviza em defesa da legalidade do ato. Assim, o sujeito leitor pode ser convidado e se fazer presente sem transgredir a lei.

Nessa perspectiva, a associação feita pela formulação do discurso do/no *outdoor* conduz a uma leitura do sujeito *striper* como um sujeito que oferece serviços de qualidade em suas demonstrações. A imagem do sujeito “profissional do sexo” é, então, silenciada pelo texto verbal que dá margem, a partir de então, a imagem do sujeito

“modelo internacional”, aquele que pode ser exposto e que traz, conseqüentemente, sucesso de vendas do produto a que se propõe divulgar.

As figuras 4 e 5 são aqui colocadas para evidenciar a presença da mídia ao noticiar a ordem de retirada dos *outdoors*, que ocorreu entre os dias 19 e 29 de setembro de 2014. Mesmo com a proibição, é possível ver nas imagens a exposição desses *outdoors* em data posterior à ordem de retirada.

Figura 4: *Outdoor* exposto em espaço urbano de Teresina (PI)



Fonte: Arquivo pessoal. Retiradas em 01 dez. 2014

Figura 5: *Outdoor* exposto em espaço urbano de Teresina (PI)



Fonte: Arquivo pessoal. Retiradas em 01 dez. 2014

Conclusão

Este trabalho visou analisar, por um gesto de leitura, a imagem do sujeito “profissional do sexo” a partir de sua exposição em *outdoors* pela cidade de Teresina (PI). Percebe-se que a formulação de imagens e dizeres em forma de convite ‘publicamente proibido’ levava o leitor a um encontro com *stripers* em casas noturnas. Desse modo, os efeitos de sentidos com tal publicação no espaço urbano conduzia o leitor a compreender o evento ‘prostituição’ como legalmente aceito.

O *outdoor* realiza uma interdição da normatividade, encaminhando o leitor a uma possibilidade do dizer para além do ‘permitido’ (MOTTA, 2011), mesmo em uma sociedade moderna. Houve, portanto, uma tentativa de administrar os sentidos já-lá, já-construídos sobre o sujeito em questão, porém, vetados de publicação a céu aberto.

O que se vê, portanto, é que essa leitura nos *outdoors* não é só uma leitura que se faz do sujeito, mas é antes a leitura de “um corpo ligado ao corpo social” (ORLANDI, 2012b, p. 10). Por essa razão, tal processo de significação desse corpo como um ‘corpo social’ provocou efeitos de exclusão, de segregação, de não aceitação, de violação da normalidade do corpo da cidade, do espaço urbano, já que o discurso de cunho sexual adentrava no ambiente citadino para todas as classes sociais, todas as faixas etárias. Nesse caso, sua retirada, ou seja, o silêncio da sua já-existência também possibilita um gesto de leitura, o da des-coberta.

Referências

ACHARD, P. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHARD, Pierre *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 11-22.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa Oficial, 1988.

COURTINE, J-J. Analyse Du discours politique. **Languages**, n. 62, jun, 1981.

CURCINO, L. Os sentidos do olhar: o leitor e a escrita da mídia nas sociedades democrática. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 183-196.

DELEUZE, G. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

MEIONORTE.COM. Vereadoras querem a retirada de outdoors de ruas e avenidas de Teresina. Publicado em: 06 mai. 2014, às 11: 30. Reportagem de Denison Duarte. Disponível em: < <http://www.meionorte.com/noticias/vereadoras-querem-a-retirada-de-outdoors-de-ruas-e-avenidas-de-teresina-247135> >. Acesso em: 29 set. 2014.

MOTTA, A. L. A. R. Planejamento urbano: a voz da cidade. In: RENZO, A.; MOTTA, A. L. A. R.; OLIVEIRA, T. P. (Orgs.). **Linguagem, história e memória**: discursos em movimento. Campinas: Pontes, 2011. p. 11-24.

ORLANDI, E. **História das ideias linguísticas**: construção do saber metalinguístico e constituição da língua nacional. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. 6. ed. Campinas: Pontes, 2011.

ORLANDI, E. **Interpretação**: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 6. ed. Pontes: Campinas, 2012a.

ORLANDI, E. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. Campinas: Pontes, 2012b.

ORLANDI, E. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2015.

PAYER, M. O. O trabalho da memória no discurso. In: MALUF-SOUSA, O. *et al.* **Discurso, sujeito e memória**. Campinas: Pontes, 2012. p. 91-107.

PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 49-58.

PÊCHEUX, M. Leitura e memória: projeto de pesquisa. In: PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**: Michel Pêcheux (textos selecionados por Eni Orlandi). Campinas: Pontes, 2014. p. 141-150.

PÊCHEUX, M. Abertura do colóquio. In: CONEIN, B. *et al.* (Orgs.) **Materialidades discursivas**. Campinas: Unicamp, 2016 [1981].

PORTAL 180GRAUS. Prefeitura diz que vai retirar outdoors de conteúdo impróprio em até 10 dias. Publicado em: 26 set. 2014, às 16: 02. Reportagem de Jhone Sousa. Disponível em: < <http://180graus.com/noticias/prefeitura-diz-que-vai-retirar-outdoors-de-conteudo-improprio-em-ate-10-dias> >. Acesso em: 28 set. 2014.

PORTAL 180GRAUS. Câmara aprova o projeto que proíbe outdoors com propagandas eróticas. Publicado em: 15 out. 2014, às 11: 12. Reportagem de Fábio Carvalho. Disponível em: < <http://180graus.com/politica/camara-aprova-projeto-que-proibe-outdoors-com-propagandas-eroticas> >. Acesso em: 20 out. 2014.

RIBEIRO, K. M. Mulheres honestas e prostitutas: análise discursiva de uma divisão lógico-jurídica. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, vol. 45, n. 3, p. 856-868, 2016.

VERANO, E. R. Da condição de sujeito na cultura atual. In: LEITE, N. V. A.; AIRES, S.; VERAS, V. (Orgs.). **Linguagem e gozo**. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 185-196.

ZOPPI-FONTANA, M. G. As imagens do invisível. In: SARGENTINI, V.; CURCINO, L.; PIOVEZANI, C. (Orgs.). **Discurso, semiologia e história**. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 163-181.